

Crianças de revistas (1930/1950)

Olga Brites

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo

As revistas brasileiras *Vida Doméstica* e *Fon-Fon!* publicaram entre 1930 e 1959 diferentes matérias sobre infância: textos, fotografias, caricaturas, desenhos ilustrativos etc. Este artigo analisa algumas imagens fotográficas ali presentes, discutindo seus campos temáticos e alguns procedimentos de análise que contribuíram para a caracterização das crianças no universo social brasileiro pelos periódicos indicados.

As crianças neles representadas eram, na sua maioria, brancas e possuíam vida familiares tradicionais (pai, mãe) e condição social privilegiada. As fotos das crianças, em algumas circunstâncias, eram produzidas em estúdios fotográficos e destacavam beleza e felicidade. Seus trajes e adereços ajudavam a compor a imagem de criança bem nascida e feliz.

O universo da fotografia na infância está articulado a outras preocupações constantes quando se fala de criança: saúde, educação, religiosidade, lazer e moda. As fotos institucionais como, por exemplo, dos parques infantis assumem características diferentes das que as explicitadas anteriormente. Nesse caso, as crianças eram fotografadas coletivamente como propaganda das atividades desenvolvidas pelas instituições.

Considerando a fotografia como produção social, e evitando, portanto, concebê-la como reflexo do real, o artigo procura articular textos e imagens, bem como refletir sobre diferentes possibilidades do mundo infantil.

Palavras-chave

Infância – Imprensa – Fotografia.

Correspondência para:

Olga Brites

Rua Cotóxó, 114 – apto. 33

05021-000 São Paulo – SP

e-mail :olgabrites@uol.com.br

Magazine children (1930/1950)

Olga Brites

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Abstract

The Brazilian magazines Domestic Life and Fon-Fon! published between 1930 e 1950 different materials about childhood: texts, pictures, caricatures, illustrative drawings etc. This article analyzes some of those photographic images, discussing the ir the ma tic fi elds and some analysis pro ce du res that contributed to the characterization of children within the Brazilian social universe by those periodicals.

The children represented in them were, in their majority, white and they possessed structured family lives (father, mother) and a privileged social situation. The children's pictures, in some circumstances, were produced at photographic studios and they highlighted the beauty and happiness. Their clothes and accessories helped to compose the image of well-off and happy children.

The universe of photography in the childhood is articulated to other constant concerns when speaking about children: health, education, religiosity, leisure and fashion. Pictures of institutions such as, for instance, playgrounds assume characteristics different from those described previously. In that case, the children were photographed collectively as an advertisement of the activities developed by the institutions.

Considering the picture as a social production, and avoiding, therefore, to conceive it as a reflex of the real, the article tries to articulate texts and images, as well as to consider different possibilities of the child's world.

Keywords

Childhood – Press – Photography.

Correspondence:

Olga Brites

Rua Co to xó, 114 – apto. 33

05021-000 São Pa u lo – SP

e-mail:olgabrites@uol.com.br

Este artigo discute imagens de infância veiculadas em duas revistas brasileiras – *Vida Doméstica* e *Fon-Fon!* – no período de 1930 a 1950.

Há um intenso investimento na infância durante esse período, que se traduziu em ações públicas, como a criação do Departamento Nacional da Criança (DNCR, nos anos 40) e dos parques infantis na cidade de São Paulo (na década anterior), dentre outras iniciativas.

Além disso, a imprensa periódica teve grande crescimento a partir do início do século XX (Sodré, 1977), assumindo os papéis de formadora de opinião pública, espaço de debate e produção ideológica, por meio da valorização das ações governamentais dirigidas à infância, dentre outros tópicos. Colocou-se ainda como educadora da família – em especial, da mulher – no que se refere aos cuidados com a criança.

A periodização, entretanto, não representa uma camisa de força, permitindo refletir sobre momentos anteriores, que oferecem condições de perceber permanências e mudanças em relação às imagens de infância construídas por essas publicações.

As fotografias de crianças publicadas por aquelas revistas foram consideradas como referências importantes na construção de uma infância idealizada: robusta, bela e alegre. Esses atributos, explicitados em textos e imagens, são recorrentes para projetar o futuro desejado: sucesso por meio de determinada vida profissional ativa e escolaridade, cuidado com a família bem estruturada, saúde, beleza.

Embora não sejam objeto central de discussão neste artigo, os parques infantis de São Paulo foram destacados por essas revistas como lugares privilegiados para a educação infantil. Elas incorporaram uma discussão sobre tais instituições, presente em diferentes fontes documentais produzidas pelo poder público, que destacava sua função de retirar as crianças das ruas e prepará-las para a vida social, dividindo com os pais a tarefa de educá-las

convenientemente e participando da formação da própria família.¹

As imagens fotográficas de infância trabalhadas em periódicos brasileiros dos anos 30 a 50 do século XX estavam em sintonia com questões como fragilidade, ameaça sofrida, incerteza, perspectiva de futuro, possibilidade de transformação no presente e riscos de mortalidade. Daí, a necessidade de cultivar na que as páginas uma visão idealizada da criança, padrão a ser alcançado, como forte, saudável, estudiosa, adaptada ao ambiente familiar, escolarizada, religiosa, regrada, bem-comportada, com aspecto higienizado, livre dos estímulos visíveis da cidade. A pobreza infantil, também presente nessas publicações, figurava como problema, atraso e objeto de transformação para o bem do país.

A criança abordada nos periódicos era, muitas vezes, o bebê, que merecia cuidados médicos específicos (daí, seções dedicadas à pediatria), e também as mais crescidas, em idade escolar.

As revistas

A produção de imagens de infância obedecia a um ritmo específico de elaboração e difusão na imprensa periódica. Tal ritmo incluía a retomada ou a criação de conteúdos com certa regularidade junto ao público leitor, com o surgimento de novas edições. Aquela periodicidade dizia respeito à veiculação de reportagens, fotografias, ilustrações, caricaturas e outros materiais similares.

O periodismo tinha papel ativo no conjunto da vida social, não podendo ser entendido como mero reflexo da sociedade. Assumia uma capacidade de interferir nos processos sociais gerais, estabelecendo arti-

1. Essas questões são discutidas no capítulo “Imagens de crianças: algumas experiências”, da tese de doutoramento pela PUC/SP, intitulada *Imagens da infância – São Paulo e Rio de Janeiro, 1930 a 1950*, de nossa autoria.

culações em tre o universo do consumo e outras práticas, criando necessidades, e conservando hábitos. As revistas e os jornais não se limitavam a registrar imagens de infância preexistentes no social. Eles participavam do fazer social daquelas imagens, operando nos parâmetros de um grupo social e reforçando seus valores.

Nas revistas como *Vida Doméstica* e *Fon-Fon!*, editadas no Distrito Federal (Rio de Janeiro), falava-se para mulheres que possuíam poder aquisitivo alto ou médio, abordando a infância de seu meio social, e apenas eventualmente mencionando o universo da pobreza.

Vida Doméstica e *Fon-Fon!* utilizavam diferentes recursos de linguagem (texto, fotografia, desenhos), possibilitando o trabalho com a construção de sentidos no social por meio de elementos diversificados de expressão.

O periódico *Vida Doméstica* trazia, além de matérias de propaganda, textos e imagens a respeito de múltiplos temas referentes à família brasileira, como reportagens sobre cuidados com infância, casamento e moda, além de grande quantidade de fotos, cujos conteúdos representavam aquilo que o mensário considerava eventos especialmente significativos.

A revista apresentava-se como a publicação do lar e das mulheres e era propriedade da Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda., que possuía outras publicações: *Vida Infantil*, *Vida Juvenil* e seus respectivos almanaques.

Por suas características, *Vida Doméstica* era dirigida prioritariamente ao público feminino, e concebia a mulher como consumidora dos diversos produtos anunciados. Destacava aspectos referentes à beleza (daí, anúncios de vários cosméticos: esmaltes, sabonetes e cremes), além de propagandas de tecidos para confecção de vestidos e outros produtos. As propagandas da revista abordavam os mais diversificados artigos e serviços: jóias, óculos, camisas, carrinhos de bebês, relógios, cigarros, móveis, lenços, porcelanas, brinquedos, remédios, alimentos, hotéis, agências de turismo,

ítems de moda. Ela dedicava grande parte de suas páginas à publicidade, com muitos números que apresentavam quatro ou cinco páginas iniciais apenas de anúncios. Isto serviu também para financiar o mensário, que teve um longo período de edição, de 1920 à primeira metade da década de 60.

As propagandas de *Vida Doméstica* reservadas à infância reforçavam as idéias de saúde, beleza e inteligência, apontando produtos que, *milagrosamente*, resolveriam todos os problemas: Toddy, Emulsão de Scott, Aveia Quaker etc.

Tal revista divulgava também anúncios do período de ligação ao seu grupo editorial, atraindo os leitores para o que essas publicações ofereciam: calendário, trabalhos manuais, publicação de romance com ilustrações coloridas. Destacava-se ainda o luxo gráfico das edições, “reunindo no mesdali tera tura e das artes nacionais”.

Esses anúncios realçavam a qualidade dos vários produtos lançados pelo mesmo grupo, que também se destinavam a crianças e adolescentes.

Em 1940, *Vida Doméstica* trouxe reportagens que anunciavam seus 20 anos, reeditando matéria do primeiro número, onde estampara seu projeto. Ali, o mensário afirmava “que não era novidade a existência de uma nova revista no Brasil”, sugerindo o aparecimento de várias outras (So dré, 1977; Bahia, 1990). Nesse quadro, no entanto, *Vida Doméstica* declarava destacar-se como *diferente* por tratar de assuntos *úteis*, como avicultura e criação de outros animais (cães, gatos), servindo ao enriquecimento do Brasil, uma vez que dava atenção especial ao desenvolvimento de suas terras. Propunha-se, assim, a divulgar acontecimentos relacionados à agricultura e à pecuária, conclamando ao aproveitamento das riquezas naturais do país.

Tais considerações permitem observar que a própria vida familiar tinha um caráter urbano específico quando a revista surgiu,

com um público morador de residências onde havia espaço para a criação de animais, a que o mensário tanto fazia referências, alcançando também, possivelmente, leitores de áreas rurais. Na contracapa da revista, publicava-se freqüentemente calendário agrícola, o que se associava ao peso do público rural como seu alvo. Isso não impediu que a revista, referindo-se à infância, demonstrasse preocupações com a conscientização de espaços urbanos de lazer, apontando apartamentos como novas moradias que dificultavam a brincadeira das crianças.

Também *Fon-Fon!* publicava materiais publicitários, em borra em menores escala do que *Vida Doméstica*, e apresentava produtos e serviços semelhantes àqueles mencionados. Iniciando-se em 1907 (Silva, 1990), *Fon-Fon!* definia-se como “semanário alegre, político, crítico e esfuizante”, explorando largamente o desenho humorístico, sem se dirigir prioritariamente ao público feminino, mas trazendo em suas crônicas e outros textos ou imagens alguns apelos para aquele universo de consumo – temas como a flor e o sorriso, formas de conquistar um marido, alimentação adequada para a nutriz etc.

Essas duas revistas diferenciavam-se na medida em que *Vida Doméstica* era muito mais dirigida à família e ao lar, em quanto a outra publicação se dedicava prioritariamente à caricatura e à política, realçando o espaço carioca. Bassanezi (1996) salientou a preponderância da crônica social em suas páginas. Essa tendência diminuiu sensivelmente nos anos 30/40, quando *Fon-Fon!* publicou fotografias de mulheres como modelos de elegância e beleza, junto a imagens de pessoas de ambos os sexos, formadas em diferentes cursos universitários, embora as figuras femininas fossem mais destacadas nos universos de luxo e beleza que nos da educação.

Fon-Fon! explorava as situações de humor, nas quais era possível rir de temas que, noutras circunstâncias, se revelavam muito

mais dramáticos – alcolismo, por exemplo. O riso também assumiu ocasionalmente a função de repor papéis tradicionais para a mulher, conservando normas.² A própria medição serviu de objeto para o riso, reforçando, por vezes, a imagem de ignorância do paciente, mas também atribuindo ao médico uma potencial ameaça à vida do doente.³

Nesse contexto, as crianças, principalmente os meninos, apareciam como levadas e desafiadoras do mundo adulto.⁴ A narrativa quadri-nizada “Crianças de Hoje” mostrou pais arrumando presentes em árvore de Natal para a filha, que os observava sorrateiramente; em seguida, quando eles se recolheram, ela foi à árvore e mexeu nos brinquedos deixados pelos pais; por fim, estes foram acordar a filha para lhe dar os presentes e ela se comportou como se nada houvesse acontecido (*Fon-Fon!*, jan. 1949).

Esse último material apresentou uma criança esperta, com valores expressos no seu tempo presente, que do mito de Papai Noel sem renúncia às suas vontades. O riso, nos exemplos arrolados, não se comprometia rigidamente com nenhum ponto de vista, funcionando como instrumento de acolhimento para de terminadas questões e de rejeição para outras (Silva, 1989). O que interessa em relação ao riso é pensar sobre as articulações entre os temas abordados e outros materiais dos periódicos.

2 Uma mulher pergunta ao marido: “Querido, por que não fazes um seguro de vida?” Ele responde-lhe: “Por que? Vais principiar de novo a cozinhar?” (*Fon-Fon!*, maio 1942).

3 Um médico indagou ao paciente: “Fizeram-lhe bem as sanguessugas que lhe receitei ontem?”. O doente respondeu: “Não sei, doutor, a única coisa que posso adiantar é que tinham um sabor detestável”. Noutra exemplo, uma paciente declarou: “Sofro muito, Doutor. Algumas vezes, tenho ímpeto de matar-me”. O médico rebateu: “Não se aflija tanto, Senhora, para que eu estou aqui?”. Noutra ocasião, alguém perguntou a uma mulher: “E seu marido, já está fora de perigo?”. A resposta feminina foi: “Ainda não, pois o médico continua indo lá em casa todos os dias” (*Fon-Fon!*, jul. 1942).

4 Num desenho, apareceram homem, elefante e dois moleques correndo, com o primeiro declarando: “Seus moleques! Eu os ensinarei a por sabão na água do elefante!” (*Fon-Fon!*, jan. 1938).

Predominavam propagandas e fotos nas páginas de *Vida Doméstica*. Como em *Fon-Fon!*, os textos que acompanhavam as fotografias eram curtos, apenas explicavam os eventos, quase sempre marcados por luxo e grandiosidade, com homens e mulheres vestidos em estilo sofisticado. Havia, portanto, um modo de vida que era afirmado e reforçado para as leituras como ideal, próximo das demandas mais privilegiadas socialmente, que apareciam como exemplos de elegância e beleza. As imagens da infância estavam sintetizadas com esse padrão adulto de vivero social, e atributos dos grupos sociais privilegiados também eram de sinais do para o universo infantil.

Repetiam-se, na época, instrumentos para atingir seus objetivos gerais de vigiar mães, infância e família: valorização da pureza e a necessidade de controlar o tempo da criança.

Crianças fotografadas

As seções “Página Infantil” e “Crianças” de *Fon-Fon!* dedicavam-se a publicar retratos de crianças, tanto bebês como as maiores. Os



Infância, dez. 1935

meninos crescendo eram fotografados, habitualmente, com roupas mais sérias, como miniaturas de adultos – ternos, dólmã. As meninas figuravam em trajes mais propriamente infantis, embora, em alguns casos, a pose para a fotografia revelasse postura composta, na direção da seriedade. Podemos verificar diversas imagens de infância construídas pelas revistas por meio de poses, roupas e adereços.



Fon Fon!, 22 jun. 1940

A fotografia não é reflexo do real nem ilustração, ela é dada de uma história da própria, que considera novas tecnologias, formas de conceber e encarnar o social. O fotógrafo, por seu turno, não é mero espectador do objeto fotografado, ele age e interfere, criando novas realidades.

Nessas fotografias de crianças, a pobreza não costumava aparecer, inexistindo espaço para o registro do trabalho infantil, da sujeira, da carencia, exceto sob o signo da assis-tência. A luz que revelava essas crianças fazia parte de um mundo da bela aparência, que indicava saúde e felicidade. Tirar fotos de corpo inteiro integrava um projeto de revelar condições sociais favoráveis: o corpo era elemento importante no diagnóstico dos fotografados – pés, mãos, rosto, tronco, roupas asseadas, limpas, cabelos impecáveis, pele aveludada e macia, sem pre-branca, tão valorizada no anúncio de certos produtos para a infância. A linguagem fotográfica era

parte de um universo marcado por debates e trocas de experiências – iluminação, ambientação, adereços decorativos que facilitavam poses (Machado, 1984; Kossoy, 1989; Santos, 1989).

A primeira comunhão das crianças – sacramento da Igreja Católica – fez parte desses eventos comemorados socialmente e mereceu registros fotográficos nos dois períodos analisados. Do cotidiano da primeira comunhão remetia, ainda, a uma dimensão de religiosidade a ser preservada. O texto que acompanha uma das fotos de crianças nessas condições apresentava os seguintes dizeres:

No dia em que Jesus vem alegrar o coração dos pequeninos. É uma data inesquecível na vida das crianças, a da sua primeira comunhão. Fica assinalada para o resto da existência, como a memória feliz da pureza integral da meninice. A graciosa menina Noemia Machado no dia em que se aproximou da Mesa Eucarística e realizou a maior aspiração de sua existência infantil. É diletta filha do sr. Adolfo Machado. (*Vida Doméstica*, jan. 1930)

Nessa perspectiva, a felicidade absoluta das pessoas (e, mais ainda, das crianças) residia na fé cristã, que devia se fazer presente em todos os lares. A imagem de inocência da criança foi associada a essa dimensão de religiosidade, a ser preservada. Tal espiritualidade pressupunha identificar uma filiação, demonstrando não se tratar de uma criança qualquer. Essa atitude não era exclusiva para a criança de classe média, como se observava em festas de Natal em instituições assistenciais, públicas e privadas, freqüentemente noticiadas em revistas e jornais, em que eram fotografadas pessoalmente e o público ali atendido, demonstrando a união de todos em Cristo e até a identificação em tre crianças pobres e Jesus. Na criança e pela criança, diluíam-se tensões e diferenças sociais. As fotografias apresentam uma classe dominante sintonizada com o universo da pobreza, ajudando, transformando, diferenciando-se de setores de elite alheios a esses problemas. Tratava-se de exibir os pobres e, junto com eles, a elite que o país devia desejar.



Fon Fon!, 21 out. 1939



Fon Fon!, 25 nov. 1939

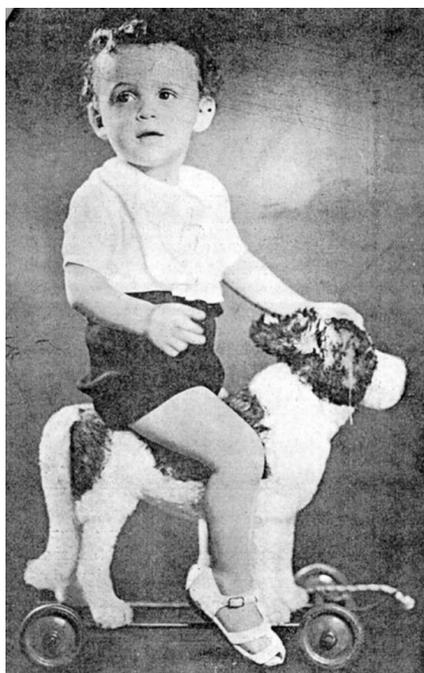


Fon Fon!, 23 dez. 1939

Fotografias de primeira comunhão incluíam trajes pomposos, semelhantes a roupas nupciais – vestido longo, terno ou mesmo fraque –, remetendo o mundo infantil ao universo adulto. Em várias ocasiões, crianças mais crescidas, de ambos os sexos, surriam carregando adereços da vida escolar – livros, por exemplo. Animais de estimação e brinquedos também apareciam junto aos seus donos, especialmente os menores, em situações de pose calculada. Brinquedos ou animais remetiam ao consumo, *status*, tudo muito disciplinado, expondo uma imagem de infância num padrão social de privilégio.

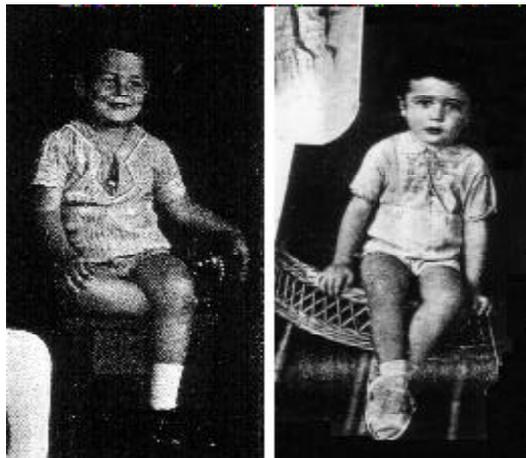
Era mais habitual fotografar cada personagem individualmente, procedimento modificado quase apenas na primeira comunhão e no carnaval. Embora os pais não fiquassem junto aos filhos, seus nomes eram sempre assobiados aos das crianças, dividindo com estas o prestígio da exposição pública.

Essas fotos valorizavam a pose, sugerindo situações de estúdio fotográfico, fixando um momento da vida das pessoas (Bartnes,



Infância, jul. 1936

1996), e constituindo uma referência de prestígio no meio familiar e social. As fotografias de crianças nas queelas seções de *Fon-Fon!* diferiam de imagens fotográficas usadas em propaganda, em que, por vezes, a exibição do produto nem sempre exigia que as figuras humanas olhassem para o público leitor. Evidenciavam, todavia, a importância da pose fotográfica, até em situações que aparentavam informalidade, como salientado por



Fon Fon!, 03 set. 1938

Denise Bernuzzi Sant'Anna (1997), referindo-se a outros materiais do periodismo.

As experiências fotográficas de *Vida Doméstica* diziam respeito a certos ritos de passagem valorizados socialmente – primeira comunhão, casamento, encerramento de ano letivo, formaturas –, sugerindo como eles deviam ser comemorados e rememorados: roupas, cerimônias, exibição de zelo e cuidado. Por outro lado, os adultos fotografados representavam dimensões da vida “bem sucedida”, resultante de famílias estruturadas. Tais fotografias expressavam sintonia com valores sociais dominantes.

A família do presidente Vargas tinha também destaque nesses ritos fotográficos, como modo de filhos bem-criados e exemplo para o Brasil (*Vida Doméstica*, jan. 1938), imagem paternal e familiar que foi discutida,

a partir de outras fontes, pela história da Maria Helena Capelatto (1996).

Páginas que noticiavam casamentos por meio de fotos eram frequentes, com meninas que apareciam como damas de honra. Fotografias de noivas paulistas também foram publicadas em vários números da revista, destacando o luxo. Ao mesmo tempo, o casamento privilegiado era aquele realizado na Igreja Católica, num contexto de pompa. Não havia espaço para o registro de relações externas àquelas padrões – concubinatos, mães solteiras, relações amorosas eventuais, roda dos expostos –, situações que Maria Odila Silva Dias (1984) indicou em relação ao século XIX e que continuavam a ocorrer no período abordado.

Existiam também fotografias de cerimônias dessa natureza em âmbitos populares, feitas por fotógrafos ambulantes, que não chegavam àquele espaço de publicação, evidenciando a assimilação da linguagem fotográfica por esses grupos sociais dentro dos seus padrões de vida (roupas, ambientes etc.), como consta de lembrança pessoal de fotografias de meus pais, bem como de depoimentos de conhecidos sobre fotografia ambulante nos anos 40 e 50.

Retratos infantis, que realçavam a filiação das crianças e a infância como expressão de beleza, alegria e felicidade na família, foram divulgados por *Fon-Fon!* desde os anos 20, junto com fotografias de casamentos, moças, formaturas e bodas de prata (*Fon-Fon!*, jan./fev. 1926).

Em *Vida Doméstica*, as crianças apareciam fotografadas em várias solenidades, como audição em conservatório musical, o que não deixava de ser propaganda da própria escola, apontando uma musicalidade que educava de acordo com a psicologia e a didática.

Meninos e meninas foram também fotografados em bailes carnavalescos, com suas divertidas fantasias. A imagem da infância, nesses casos, foi sempre de sucesso, espetáculo, graça, beleza, felicidade.

Eram comuns as fotografias de crianças



Fon Fon!, 22 jun. 1940

no encerramento do ano letivo. Sobre um desses eventos, uma das revistas escreveu:

Estas fotografias encanta do rassoão da festa de encerramento do curso primário do Colégio Jacobina. Encanto, graça, dois adjetivos que ca bem tão bem à infância, ali se encontram para alegria dos assistentes, pais e pessoas amigas das famílias das alunas, que não se esqueceram de aplaudir as pequenas artistas. Momentos da infância que nunca mais serão esquecidos, estas festas de fim de ano têm o dom de deixar uma recordação agradável de um ano passado no convívio escolar, para que mais tarde possam sentir como nos versos do poeta, a saudade da infância querida que os anos não trazem mais. (*Fon-Fon!*, jan. 1950)

A imagem idealizada da infância expressou-se em alusão a bons tempos. As recordações desse período deveriam ser preenchidas pela alegria que representava

vi vê-la, esta pa “ri so nha e fran ca”, que de via re- tornar por meio de lembranças positivas.

Vida Doméstica identificou quais momentos da infância o leitor precisava guardar na lembrança, incentivando o registro fotográfico como instrumento adequado para preservar recordações de festas e momentos de sucesso.

Esse mesmo tom foi usado pelo periódico no registro de diversos eventos, como as formaturas da Faculdade Nacional de Medicina, da Universidade do Brasil, e dos Colégios Companhia Santa Tereza de Jesus, Bennett, Nossa Senhora de Sion, Anglo-Americano e Notre Dame, abrangendo adultos e se guin do os me- mos pa drões de luxo e so fis ti ca ção as si na la dos em re la ção ao mun do in fan til. To das es sas ins- ti tu i ções de en si no eram de eli te, o que aju da a si tu ar o âm bi to de aten ção e de pos sí vel cir cu- la ção de *Vida Doméstica*.

Ou trase ção des sa re vi sta que orien ta va no cu i da do dos fi lhos, “Guia das Mães”, apre sen ta- va-os como as “melhores boas festas de casais ven tu ro sos”, e eram mu i tas as fo tos de cri an ças en via das pa ra se rem publi ca das, com tex tos cur- tos, que iden ti fi ca v am os fo to gra fa dos – pro ce- di men to freqüente da imprensa brasileira até esse período, visando a angariar rendas (Sodré, 1977). O men sá rio co lo ca va os ser vi ços de fo tó- gra fos à dis po si ção dos lei to res, circun stân cia que re for ç a in ter pre ta ções aqui fe i tas so bre a in- ten ção na li da de e a his to ri ci da de do ato fo to grá- fico. Eis dois exem plos da que las legen das:

Li a mir, com três anos e meio, fi lhi nho do sr. F. Guerrière e de sua exma. esposa, dona Ade li na Guerrière, cirurgiões dentistas. O interessante filhinho do Dr. Agostinho C. Brêtas, médico. (*Vida Doméstica*, jan. 1930)

Registrava-se sempre a prestígia da atividade profissional dos pais, indicando ligações da infância desta ca da com status so cial. Nesses termos, tais fotografias funcionavam como uma espécie de publicidade pessoal e familiar,

fortalecendo publicamente as imagens da- que las pesso as. A re vi sta tam bém apre sen ta va re tratos de personalidades públicas, como o presi den te Var gas. Di vul gar fo to gra fi as e no- mes de fa mí lia era um ges to de apro xi mar es- ses personagens daquele universo de conhecimento público ampliado.

Essas imagens de crianças não combi- na vam com os in di ces alar man tes de mor ta li- dade infantil, mais presentes na imprensa diária paulistana (*O Estado de São Paulo* e *Diário Popular*) e eventualmente referidos naquelas revistas. A insistência das últimas em publicar matérias reservadas à puericultura expressou pre o cu pa ção de pre ser var a vida de crianças, inspirada no modelo do adulto bem-sucedido. Por ou tro lado, a cri an ç a fo to- gra fa da naquelas circunstâncias ritualísticas aparecia integrada ao mundo adulto, de- monstrando relação harmoniosa entre pais, filhos e fotógrafo, e evidenciando a circula- ção des ses va lo res en tre adul tos e cri an ças.

Esse universo apontado pelas revistas estava, em certos aspectos, diferenciado da- qui lo que era pa râ me tro para as ca ma das po- pu la res. O uni for me nas es co las des ti na da aos po bres, por exem plo, era uma for ma de evi tar a aparênci a indesejada das crianças, represen- tando tam bém, simbolicamente, igual da de de con di ções. Em es co las de eli te, ao me nos até os anos 50, uni for mes eram usa dos como sím bo lo de ostenta ção, inclu in do di vi são en tre rou pa s para o co ti di a no e a que las des ti na da s a des files cívi cos e festas – tecidos ainda mais finos, a com pa nha dos de cha péus e lu vas etc.

Tam bém para crianças trabalhadoras, como jornal e i ro se ven de do res am bu lan tes, os uni for mes eram uma ma ne i ra de evi tar tra jes indesejados, maltrapilhos, identificando-as no espaço urbano, disciplinando suas atividades, e separando trabalhadores infantis de menores *delinqüentes*, e ambos das crianças bem-nascidas.

As cri an ças fo to gra fa das em ati vi da des es co la res ou exi bi ções cívi cas não eram



Parques Infantis – Departamento de Cultura

apresentadas individualmente. As fotos consideravam sempre grande quantidade de alunos, como nos parques infantis, uniformizados, disciplinados, exercendo atividade física orientada, demonstrando que a preocupação principal era valorizar iniciativas das instituições consideradas, levando em conta a idéia de que o projeto era bem recebido por um número expressivo de crianças e famílias.

Em alguns momentos, houve críticas aos *shorts* usados por meninas e moças em desfiles na cidade, julgados “sumários”, exibidores do físico. A imprensa, fazendo esses comentários, assumia-os como pertinentes, apontando que eles surgiram em “rodas de peso as respeitadas”. O tema apareceu no jornal paulista no *A Gazeta* (1937).

Fon-Fon! ofereceu sugestões de roupas para crianças, apresentando modelos e moldes, indicando tecidos finos: organdi, cambraia de linho branco etc. (*Fon-Fon!*, jan. 1938). Costurar era desaconselhado apenas em alguns momentos da gravidez, levando em conta o cuidado para preservar a saúde da mãe e da criança (*Fon-Fon!*, fev. 1942).

Recomendava-se simplicidade nos trajes infantis, definindo o que se considerava bom-gosto e atitudes inadequadas nas vestimentas. Também aqui julgava-se necessário observar a criança, para definir momentos

significativos de sua vida. Evidentemente, essa criança tinha uma identidade social específica de classe média e a atividade da costura também aparecia como tarefa doméstica da mulher nessa faixa social (*Fon-Fon!*, jun. 1942).

Considerando que a linguagem fotográfica necessitava de um repertório de conhecimentos do leitor, sua decodificação requeria referenciais, demonstrando que tal leitura não dependia apenas de uma visão imediata. A seção “Teste Fotográfico”, de *Fon-Fon!*, exigia do leitor que ele identificasse as pessoas fotografadas através de múltiplas opções, à maneira de um teste (*Fon-Fon!*, out. 1949).

Junto com a fé, a imagem fotográfica da criança foi também associada ao poder de Estado, como se observa em cena de Getúlio Vargas com trigêmeos, vestidos como marinheiros, o presidente segurando a mão de um deles. Segundo a legenda dessa imagem, Vargas amava as crianças também como educador que era, função que, nas páginas da revista, se deslocava entre médicos, mães, professores e outros atos sociais. Os trigêmeos foram usados como símbolo do pensamento presidencial sobre o futuro, coadjuvando uma legitimação dessa autoridade (*Fon-Fon!*, mar. 1942).

Heloísa Helena de Jesus Paulo (1987) comenta a produção de cartilhas, *santinhos* e

outros materiais destinados aos jovens nesse período, conferindo-lhes “um papel de destaque na edificação de uma nacionalidade”. Capelatto (1996) realizou análise comparativa da propaganda varguista e peronista, salientando o menor apelo emocional nos exemplos brasileiros.

Essas fotografias de crianças tiveram o papel de tornar ainda mais palpáveis os temas abordados (beleza, robustez, alegria, elegância, riqueza), explorando o poder de convencimento delegado à visão. A rapidez de articulação entre as suntos e pessoas nas imagens com base em fotografias foi importante dimensão nas imagens de infância desse período, situando-as em múltiplos contextos da vida social.

Em *Fon-Fon!* ocorreu procedimento similar, que pode ser exemplificado com a fotografia do Dr. Paulo Frontin, homem público, cuja condição de pai foi valorizada por adjetivação positiva, laudando pelos filhos – duas meninas e um menino (*Fon-Fon!*, dez. 1907). Embora esse exemplo seja do início do século, a prática permaneceu na revista até o período aqui discutido.

As legendas de fotografias em *Fon-Fon!* identificavam meninas como “graciosas” ou “interessantes”, enquanto os meninos eram designados como “inteligentes”. Essa diferença indica que as imagens de infância também participavam das identidades de gênero.

Schemmes (1995) destacou o papel das festacivicas na consolidação da ideia do novo e no apoio ao governo Vargas, afirmando que desempenhavam importante papel na “cooptação das massas” e no “disciplinamento dos cidadãos”, “considerando-se fundamental a participação das escolas, das crianças e das mulheres, além dos homens da Escola de Educação Física do Exército, Polícia, Tiros de Guerra etc.” (Schemmes, 1995).

Um lugar privilegiado da cidade de São Paulo para registrar a presença de crianças em situações solenes, como o Dia da Criança, foi o Parque da Água Branca. Fotos panorâmicas mostravam a grande quantidade de crianças em

atividades físicas. A prática da educação física era elogiada como benéfica a mulheres e crianças, sendo lembrados o Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo e a Cruzada Pró-Infância. No caso do “Curso de Robustez Infantil”, os bebês eram fotografados de fraldas, sentados, de peitos nus. O jornal destacou como símbolo dessa campanha uma criança nua numa banheira (*O Estado de São Paulo*, nov. 1936). Também figuraram crianças vestidas, apresentadas pelas mães sorridentes, que exibiam os filhos para o público leitor como frutos de grande cuidado, numa atitude de orgulho.



Infância,
out. 1936



Revista de São Paulo,
out. 1936

Política institucional e pobreza

As ações governamentais mereceram sempre elogios por parte de *Vida Doméstica* e outros órgãos congêneres. O Departamento Nacional de Propaganda foi ali apresentado como órgão que atuava de forma inteligente, por exemplo, na produção cinematográfica oficial, servindo de elemento para orientar ou trazer a luz nessas áreas, no Brasil (*Vida Doméstica*, jan. 1939). A revista apresentava-se como dedicada às realizações do “Regime Nacional”. A partir disso, podemos afirmar

que as imagens de infância divulgadas pelo mensário estavam em sintonia com projetos políticos mais amplos, desempenhando neles um papel ativo.

É de demonstrativa dessa dimensão a reportagem “O Brasil é uma Democracia Educativa”, caracterizando a política interna brasileira como “educadora, de assessoria, de disciplina e controle de todas as atividades individuais” (*Vida Doméstica*, mar. 1941).

As noções de trabalho e ordem foram empregadas de forma a qualificar as ações governamentais. O Estado acolheria a todos, sem distinção de nacionalidade ou religião. O presidente foi apresentado como símbolo de unidade da nação.

A democracia foi defendida e definida como o sistema político que tinha por supostos a liberdade e a igualdade, aquele que vinha do povo e se voltava para ele, uma forma de organização que se opunha a “liberais desordenados”. As palavras *disciplina* e *civilização* foram evocadas para legitimar a forma de governo.

Esse Estado estaria acima dos interesses individuais de partidos políticos. A sociedade saudável seria aquela que observasse civismo, educação, disciplina. Assim, vida privada e pública confundiam-se no sentido da legitimação desse poder de Estado. Daí, sua insistência em normatizar a vida da família, abrangendo inúmeras parcelas da existência infantil.

O olhar para as crianças pobres foi interpretado com base em atitudes consideradas “beneméritas” de alguns homens de posses, “desprovidos de soberba” (*Vida Doméstica*, jan. 1952). A pobreza, em *Vida Doméstica* e *Fon-Fon!*, apareceu a partir da filantropia, sendo atendida por meio de obra generosa de figuras que tinham certo destaque social, inclusive os governantes, e dos ricos, portadores de “compaixão” pelos necessitados, constituindo uma imagem da infância como base da riqueza da nação.

Valorizava-se a pobreza, na medida em que fosse considerada generosa e efetiva. Nesse

sentido, *Vida Doméstica* publicou um texto intitulado “Uma Decisão Vale Mais do que a Fortuna”, abordando a história de uma família de posses, que colocou a mãe, já idosa, em asilo sofisticado, deixando-a ao abandono: sua saúde ficou ainda mais fragilizada devido à ausência dos filhos. Ao mesmo tempo, apresentava uma experiência de mulher pobre, que vivia sozinha, com mãe doente, merecedora de todos os cuidados da filha zelosa, capaz de assumir, apesar da ausência de recursos financeiros, a doença materna. Resultava dessa narrativa a moral de que o dinheiro não era tudo, importando muito mais a dimensão afetiva da relação familiar (*Vida Doméstica*, out. 1942).

De acordo com o projeto geral de *Vida Doméstica* para a família, os laços mãe-filhos eram reforçados na relação inversa, quando os filhos deviam cuidar da mãe. Isso implicou uma idealização da pobreza moralizada e feliz, que não dependia de grandes recursos econômicos para praticar o bem.

A relação mãe-filhos sempre funcionou como apelo nas reportagens que tratavam da pobreza. Em *Fon-Fon!*, o tema foi também comentado a partir da experiência da Segunda Guerra Mundial. Para isso, foram publicadas fotografias de crianças italianas pobres, apontando a habitação como um dos principais problemas resultantes da guerra: “Esses garotinhos descalços, sujos e esfarrapados de hoje são os cidadãos da Itália de amanhã” (*Fon-Fon!*, abr. 1949).

Essa visão da infância, reportando-se a um anti-modelo da criança higienizada e com lar bem estruturado, era uma perspectiva que também se tinha para o Brasil, em boa parte aqueles textos e imagens dessem a impressão de que tais problemas estivessem muito afastados do país. Pensar na infância, portanto, era projetar o futuro desejável, que não se confundia com aquele presente. O contexto da Segunda Guerra Mundial foi apresentado como perigo e ameaça para a criança, em seu

nome deveriam ser evitadas ações belicosas (*Folha da Manhã*, 19 set. 1942).

Conclusões

As imagens fotográficas de crianças nas revistas *Vida Doméstica* e *Fon-Fon!* estavam sintonizadas com artigos e outros textos que valorizavam uma família bem estruturada, com filhos saudáveis. O que se encontrava fora desses padrões era visto como desvio e devia ser corrigido.

Tais revistas davam voz a médiocas, educadores e outros profissionais como aliados da imprensa no que se refere à preservação e transformação da realidade. Iniciativas que representavam construir possibilidades de afirmação dos ideais propostos eram divulgadas e defendidas pelos periódicos, como ocorria com parques infantis e seções de puercultura, dentre outras.

A família, para chegar aos padrões ideais ali defendidos, devia participar de um projeto de educação que se iniciava antes do casamento. Daí, a insitência nas recomendações sobre o parceiro ideal e estratégias de preservação do casamento, criticando eventuais desvios em relação a esses projetos – feminismo, trabalho da mulher fora do lar etc. Apesar disso, as revistas lidavam com conflitos socialmente presentes, anunciando o trabalho feminino em propagandas, e assumindo atividades assistenciais como tarefas femininas que se desdobravam para fora do lar também no cuidado com as crianças. Ao mesmo tempo que valorizavam trajés luxuosos e vida social ativa, condenavam a excessiva dedicação a essas atividades quando representavam prejuízo ao bom convívio familiar.

Pode-se identificar que, do ponto de vista das revistas aqui discutidas, a harmonia no lar era dada pelos cuidados e orientações científicas adequadas; fora dele, isso foi abordado a partir da escolaridade, que começava nos maternais, passando pelos parques infantis e atingindo o ensino fundamental.

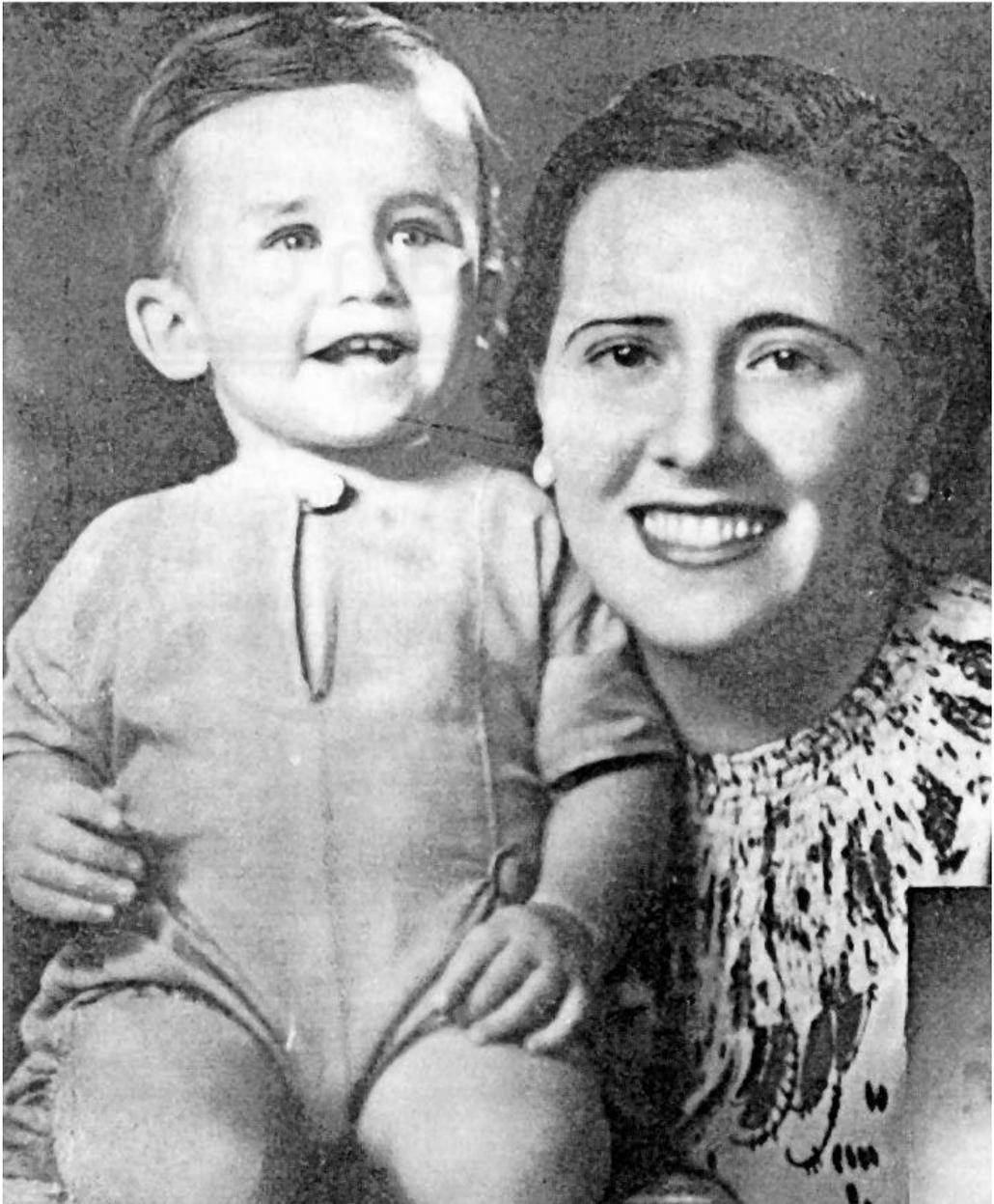
Vida Doméstica referiu-se à Conferência Nacional de Proteção à Infância de 1933, publicando trecho que comentava a fala de Lucília Ribeiro:

O lar deve ser para a criança, uma fonte de alegria; ali deve receber o primeiro toque para a formação do seu carácter. Entre carinhos, mas também justas e severas repressões, é que a verdade iramãe, segundo Cristo, forma os tenros corações de seus filhinhos; se guia-lhes os passos ainda vacilantes e incertos, guia-lhes também a alma ‘the souro divino’ que Deus, Suprema auctoridade, depositou-lhe nas mãos. Os pais devem ser os constantes orientadores de seus filhos; devem fazer da criança, por uma instrução sabia e criteriosa, um ente capaz de apreciar a Virgíde, a fim de nos seus actos, praticá-los. (*Vida Doméstica*, fev. 1936)

Esse trecho é muito representativo em relação às imagens de infância veiculadas pelos periódicos comentados. Ele contém a expressão “verdadeira mãe”, qualificando a quem se referia, situando-a em relação a Cristo. Atribui aos pais uma permanente função orientadora, em nome de Deus, e coloca como fruto da correta orientação a prática da virgíde, devidamente sacralizada.

Em relação à infância, os periódicos desenvolveram uma cultura fotográfica, que atuava em momentos socialmente privilegiados – primeira Comunhão, festas de encerramento do ano letivo, carnaval – e também num cotidiano que afirmava a beleza e o sucesso. Através das fotografias, constituía-se um espetáculo social do que se devia ver.

Ao mesmo tempo, havia cortiços, abandonos, trabalho infantil: essas outras faces da criança idealizada, higienizada e bela, que, em boratendo a existência admitida, pouco apareceram em *Vida Doméstica* e *Fon-Fon!*



Infância, out. 1936

Referências bibliográficas

BAHIA, Juarez. *História da imprensa brasileira*. São Paulo: Ática, 1990. 2 v.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

BASSANEZI, Carla. *Reverendo as mulheres: revisitas femininas e relações homem-mulher (1945/1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

CAPELATTO, Maria Helena. Propaganda política e construção da identidade da nacional coletiva. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.31/32, n.328/352, 1996.

DIAS, Maria Odila Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FOLHA DA MANHÃ. São Paulo.

FON-FON!. Rio de Janeiro.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ática, 1989.

MACHADO, Arlindo. *A ilusão especular*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PAULO, Heleisa Helena de Jesus. O DIP e a juventude: ideologia e propaganda esta tal (1939/1945). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.14, n.99/113, mar/ago. 1987.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Propaganda e história: antigos problemas, novas questões. *Projeto História*, São Paulo, v.14, n.89/112, 1997.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza (1890/1915)*. São Paulo: Anna Blume/FAPESP, 1989.

SCHEMMES, Cláudia. *Festas cívicas e esportivas no populismo: um estudo comparativo dos governos Vargas (1937/1945) e Perón (1946/1955)*. São Paulo, 1995. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

SILVA, Marcos A. da. *Caricatarépublica: Zé povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1990. (Onde Está a República?)

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

VIDA DOMÉSTICA. Rio de Janeiro.

Recebido em 31.08.00

Aprova do em 07.11.00

Olga Brites é professora do programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, nas áreas de História do Brasil e Pesquisa Histórica. Doutou-se em História social na mesma universidade, sob orientação da Profa. Dra. Déa R. Fe nelón.